

Ocupação das escolas públicas de São Paulo: A inserção do debate em uma turma de ensino médio da rede privada de ensino do Rio de Janeiro.

Um dos principais problemas contemporâneos, em relação à prática docente, se refere à seguinte pergunta: como desenvolver estratégias para que o aluno se sinta atraído com o conteúdo pedagógico, num momento em que uma infinidade de informações mais atrativas chegam a cada instante? Nesse cenário, a sala de aula pode ser entendida como possibilidade de inserção do ciberespaço no cotidiano escolar. Com isso, hoje, um jovem que está 'ocupando' a sala de aula não necessita aprender somente sozinho, com amigos ou mesmo fazer cursos para utilizar as redes no ciberespaço.¹

Essas questões, em meu caso, que sou professor da Educação Básica com atuação nas séries do Ensino Médio, são quase que diárias. Ainda mais, trabalhando na rede privada, com alunos que possuem um capital financeiro e, em alguns casos, um 'capital cultural' elevados.² Com isso, além da preocupação sobre a relação da cibercultura com o cotidiano escolar, se faz presente a necessidade de levar para estes jovens debates que não se fazem presentes na realidade de muitos.

¹ É importante ressaltar que as tecnologias estão avançadas tal como não estavam antes, desta maneira, existem fenômenos que não são mais resumidos ao ciberespaço.

² A partir da teoria de Pierre Bourdieu entende-se capital cultural como sendo um princípio de diferenciação entre os indivíduos, em que o sistema escolar operacionaliza distinções e seleções entre os indivíduos com oportunidades desiguais de capital cultural.

Tentando somar as duas questões, desenvolvi no primeiro semestre de 2019, em uma turma de Segundo Ano do Ensino Médio, localizada em um dos bairros com o IDH mais elevados do município do Rio de Janeiro³, uma atividade pedagógica em que a partir da discussão temática sobre os novos movimentos sociais para a Sociologia iríamos entender o papel da escola na realidade da juventude, ou melhor, das juventudes, problematizando se aquele era um espaço atrativo para eles ou não. Com o intuito de sistematizar a discussão, foi exibido o documentário “Escolas Ocupadas – A verdadeira reorganização”, de Jimmy Bro, que retrata a realidade dos movimentos de ocupação nas escolas de São Paulo, uma reação autônoma das alunas e dos alunos que se colocavam contra o pacote de “reorganização escolar” proposto pelo então Governador do Estado de São Paulo, Geraldo Alckmin. Um ponto importante de ressaltar, é que este documentário produzido de maneira independente, é um mecanismo de crítica e de ausência de representatividade nas mídias hegemônicas. A partir da exibição do documentário pudemos refletir sobre algumas problemáticas envolvidas na realidade cotidiana das escolas públicas. A questão de falta de orçamento e investimento por parte do poder público teve destaque no debate, mas também foi possível perceber, por parte da turma que uma das principais críticas presentes no documentário era sobre a pouca participação estudantil no cotidiano escolar. E, também que para aquelas e aqueles que organizavam o movimento, a ocupação era um espaço em que muitos ali haviam aprendido noções muito importantes, mais do que dentro dos espaços formais de ensino e aprendizagem: as salas de aula.

Com isso, mesmo fazendo essa reflexão numa realidade bastante privilegiada, elemento apontado por meus alunos na discussão, a escola enquanto um espaço normalizador em que o educando possui

³ O Colégio Az é localizado na cidade do Rio de Janeiro, estando presente em cinco bairros da cidade. A atividade foi realizada no dia 12 de Junho de 2019, na turma de Segundo Ano do Ensino Médio da unidade de Ipanema.

pouca autonomia também é uma problemática importante para eles. Muitos ali falaram sobre o porquê eles utilizavam tão pouco os meios de comunicação em seu cotidiano na sala de aula, tendo em vista que esse fator é extremamente presente fora dela. Além do mais, ficou claro que por conta de estarmos em um espaço amplamente privilegiado, seria possível desenvolver inúmeras estratégias em que a turma pudesse se manifestar, através da tecnologia usada como um 'facilitador' do processo.

Sobre o autor:

Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestrando em educação do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Referências

Bourdieu, P. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

Cordeiro Arthur Batista, De Souza Rafael Fiaux. As Representações da autoimagem no cibersepaço: ,Uma investigação sobre a construção de identidade de jovens estudantes da rede pública no Facebook. In: Tecnologia na sala de aula em relatos de professores. / Christine Sertã Costa, Francisco Roberto Pinto Mattos. (organizadores). – Curitiba: CRV, 2016. 202 p. (Série: Recursos Didáticos Multidisciplinares, v. 1).

Santos, Edméa. O. A cibercultura e a educação em tempos de mobilidade e redes sociais: Conversando com os cotidianos. In: Fontoura, Helena; Silva, Marco. (Org.). Práticas Pedagógicas, Linguagem e Mídias Desafios à Pós-graduação em Educação em suas

múltiplas dimensões. 1ed.Rio de Janeiro: ANPED NACIONAL, 2011, v. 1, p. 138-160.

Link

documentário:

<https://www.youtube.com/watch?v=UxpFW62i7M>. Acessado em 01/08/2019